

Jacob Burckhardt e a ameaça do espírito industrialista ao indivíduo soberano

Ricardo de Oliveira Toledo¹

Resumo: Esta pesquisa verifica as análises de Jacob Burckhardt (1818-1897) sobre o projeto político-cultural de líderes europeus, especialmente, Otto von Bismarck, para uma Europa industrialista e as pessoas que nela viviam. Bastante atento aos impactos dos processos históricos para a cultura, o historiador suíço tentou compreender o seu tempo como um período de crise com sérios riscos para o surgimento de indivíduos que contribuíssem para o florescimento de uma cultura forte. O espírito industrialista demandava o aumento do número de trabalhadores para as fábricas e uma ciência que servisse como subsídio para a crescente industrialização. Este estudo transita entre as reflexões de Burckhardt a respeito do Renascimento Italiano como um momento propício para o aparecimento de indivíduos soberanos e a chamada Era das Revoluções como uma época de fortalecimento dos Estados que a tudo subjogavam ou suprimiam. O professor da Universidade de Basileia se deteve, particularmente, com os efeitos da unificação alemã, puxada pelos interesses industrialistas, para o espírito germânico. Defende-se que Burckhardt, embora mais conhecido por suas contribuições para a história enquanto disciplina, tem papel fundamental para a filosofia em sua crítica da Modernidade.

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ricardotoledo1979@hotmail.com.

Palavras-chave: Industrialismo, Modernidade, Cultura, Indivíduo, Crise.

Jacob Burckhardt and the threat of the industrialist spirit to the sovereign individual

Abstract: This research verifies the analyzes of Jacob Burckhardt (1818-1897) on the political-cultural project of European leaders, especially Otto von Bismarck, for an industrialist Europe and for its individuals. Very attentive to the impacts of historical processes on culture, the Swiss historian tried to understand his time as an age of crisis with serious risks for the emergence of individuals who contributed to the flourishing of a strong culture. The industrialist spirit demanded an increase in the number of workers for the factories and a science that would serve as a subsidy for growing industrialization. This study transits between Burckhardt's reflections on the Italian Renaissance as a favorable period for the emergence of sovereign individuals and the so-called Age of Revolutions as a time of strengthening of the States that overwhelmed or suppressed everything. The professor at the University of Basel was particularly concerned with the effects of German unification, driven by industrial interests, to the Germanic spirit and its cultural productions. It is argued that Burckhardt, though best known for his contributions to history as a discipline, plays a fundamental role in philosophy for its critique of Modernity.

Keywords: Industrialism, Modernity, Culture, Individual, Crisis.

Introdução

Embora Jacob Burckhardt não seja comumente considerado um filósofo, título que ele mesmo não assumia, suas reflexões sobre a cultura e sobre o indivíduo, inscritas em sua historiografia, conferências e cartas, são de inegável valor filosófico. Prova disso é a apropriação que um dos mais famosos e importantes filósofos do século XIX, Friedrich Nietzsche (1844-1900), fez de boa parte dos conceitos postulados pelo historiador suíço. Pode-se dizer, também, que o pensamento de Burckhardt se apresenta como uma alternativa ao hegelianismo e ao marxismo para se compreender o problema da Modernidade, industrialização, cultura e indivíduo para os europeus oitocentistas. No entanto, o que se pretende neste artigo não é estabelecer um debate entre Burckhardt e outras correntes intelectuais de seu tempo, mas apresentar elementos valiosos de sua crítica ao projeto político-cultural de Otto von Bismarck (1815-1898) e suas consequências para a cultura e para o indivíduo no industrialismo embrionário da Alemanha unificada. Igualmente, intenta-se oferecer material crítico para se pensar se as tendências industrialistas contemporâneas contribuem ou não para o florescimento de indivíduos soberanos.

As teorias de Burckhardt não poderiam ser rotuladas como otimistas, pois rejeitavam a visão de que um período da história seria mais perfeito que os anteriores. Nas épocas mais fecundas, o drama da humanidade sempre teria assumido a forma de tragédia. Seu

pessimismo, de bases schopenhauerianas, refutava a doutrina da perfectibilidade hegeliana, que deprecava um irrevogável progresso.² Apesar de o homem buscar o melhor para si, não se pode falar numa história progressiva, considerando-se que sempre existem alternâncias entre o bem-estar e a decadência. Burckhardt não negava que tivesse ocorrido um progresso (*Fortschritte*) tecnológico ao longo da Modernidade. Porém, não acreditava num progresso orientado por forças teleológicas. Em suas investigações historiográficas, vê-se que mais vale uma cultura que não permanece estática e fechada em si mesma. Daí ele avaliar a cultura italiana do Renascimento como aquela em que ocorreu um progresso, pois vários de seus elementos e seus indivíduos contribuíram dinamicamente para que ela se diversificasse e fosse o berço de grandes obras. Além disso, não existiria progresso ininterrupto, como se a humanidade continuasse sua marcha para a perfectibilidade irreversível. Assim, a cultura e a sociedade dos tempos de Burckhardt não eram um melhoramento das anteriores. Em vez disso, em muitos sentidos, a Europa do século XIX não contava com os inumeráveis elementos presentes na Itália renascentista e, portanto, nem poderia restaurá-la. Burckhardt considerava o Estado, a religião e a cultura como as potências da história. As duas primeiras enquanto estáticas, e a última, dinâmica. Em sua visão, o fluxo histórico corre no sentido de tais forças, sem ciclos ou desenvolvimento finalístico.³ A cultura é a soma dos desenvolvimentos espontâneos e criativos do espírito agindo e modificando as instituições estáticas, sem uma validade universal ou coercitiva. Nela se materializa o espírito de um povo e são abarcadas oposições ao Estado e à religião. Num significado restrito tem em vista o idioma e as produções espirituais, como a arte, e no mais geral a unidade formada por milhões de pessoas.⁴ Daí que: “O Estado e a Religião [sejam] a expressão das necessidades políticas e metafísicas que reivindicam aceitação universal, enquanto a Cultura corresponde às necessidades materiais e espirituais que não reivindicam aceitação universal”.⁵ Paula Vermeersch comenta que Burckhardt considera a existência de um espírito humano que seria um reservatório de todas as experiências da humanidade através do tempo, vestindo-se de maneira diversa em cada época histórica.⁶ Outra noção que contribuirá para a leitura e interpretação deste artigo é aquela de crise, que Burckhardt define como um processo histórico acelerado. Assim ele escreve: “O processo de

² Cf. ROSSI, R. *Nietzsche e Burckhardt*. Genova: Tilgher, 1987.

³ Cf. OLIVEIRA, J. P. *O futuro aberto: Jacob Burckhardt, G. W. F. Hegel e o problema da continuidade histórica*. Tese de Doutorado. Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

⁴ Cf. também: CARPEAUX, Otto Maria. “Jacob Burckhardt: o profeta de nossa época”. In _____. *A Cinza do Purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

⁵ Cf. BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1961, p. 34.

⁶ VERMEERSCH, P. Jacob Burckhardt e suas reflexões sobre a história. In. *História Social*. Revista do IFCH/Unicamp. Campinas, Unicamp, nº 10, 2003, p. 215-238. Cf. também: GAY, Peter. “Burckhardt, o poeta da verdade”. In: *O estilo na História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 131-166.

evolução histórica adquire [...] uma velocidade vertiginosa, acontecimentos que normalmente levariam séculos para atingir seu pleno desenvolvimento perpassam céleres como espectros, no decurso de poucas semanas e meses, esgotando-se [...] logo depois”.⁷ No entendimento do professor de Basileia, as verdadeiras crises surgiriam raramente e desembocariam numa verdadeira mudança no *status quo* de um povo. Passa a haver uma inversão na qual o grupo social dominante cede lugar ao dominado ou a uma estrutura política profundamente diversa, abalando o fundamento sócio-político de uma nação. Muitos exemplos históricos de revolução são, de fato, pseudocrises, pois, embora sejam marcados por sua intensidade e tenham produzido atritos civis e religiosos, não acarretaram transformações radicais. Desse tipo são as guerras das Duas Rosas, na Inglaterra, período em que o povo foi conduzido a choques civis que, no entanto, interessavam às facções nobres daquele reino, fazendo com que o poder permanecesse nas mãos da nobreza. A invasão bárbara que levou à decadência do Estado romano ocidental no século V é um modelo de verdadeira crise, apesar de ser “absolutamente *sui generis* e incomparável a qualquer outra de que [se tenha] notícia”.⁸ Característica predominante deste processo foi a substituição de um Estado pelo poder que se institucionalizou e se hierarquizou na figura de uma Igreja. Entretanto, uma crise genuína não significa propriamente a completa derrocada de velhos elementos, e sim a fusão de uma nova potência material com uma antiga, promovendo uma metamorfose espiritual. Enfim, “aparentemente, uma condição prévia para a eclosão de qualquer crise é a existência de uma rede de comunicações bastante extensa e a difusão ampla de uma maneira de pensar, de uma mentalidade já originalmente semelhante”.⁹ Como se verá, Burckhardt sentia que a Europa, com destaque aqui para os alemães, estava vivenciando um período de revoluções que se materializava em crises com possíveis impactos sobre seus indivíduos e sobre a cultura. Com a Revolução Francesa, com seu marco inicial em 1789, foram consolidados os fundamentos do industrialismo e suas influências na cultura e na política.¹⁰ Paralelamente, foram abertas as veredas para a democracia, o socialismo e o comunismo na Europa. Os dois últimos séculos representariam a eminente ameaça de desequilíbrio entre as potências históricas, a saber, o Estado, a religião e a cultura, dando primazia à primeira delas com consequente esmagamento do indivíduo.

Sabendo-se de tais definições, quais seriam os diagnósticos de Burckhardt sobre a cultura de seu tempo em relação a outras épocas da história europeia? Não estaria ela

⁷ BURCKHARDT, J. Op. cit., 1961, p. 171.

⁸ BURCKHARDT, J. Ibidem, p. 173.

⁹ Ibidem, p. 175.

¹⁰ Cf. FERNANDES, C. S. Jacob Burckhardt. História da Era da Revolução: introdução. In: MALERBA, Jurandir. (Org.). *Lições de História: Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Rio de Janeiro; Porto Alegre: Editora FGV; Editora PUC-RS, 2013.

passando por um momento de decadência? Reflexões sobre estas questões são vistas nos contrapontos entre o espírito alemão pós-unificação e aquele do Renascimento italiano e nas leituras que ele faz das transformações que ocorriam em seu tempo.

Reflexões sobre a cultura industrialista da nova Alemanha

Bismarck, também conhecido como o *Chanceler de Ferro*, liderou a empreitada de transformar os trinta e nove reinos germânicos num único Estado Nacional. A unificação se efetivou em 1871, quando a Prússia venceu a França na Guerra Franco-Prussiana. Na ocasião, os estados do sul foram anexados ao novo território alemão. Criava-se, então, o II Reich (ou II Império Alemão), que passaria a experimentar um rápido desenvolvimento militar, político e econômico. Porém, uma unidade permanecia não concluída: a identidade cultural dos cidadãos alemães. Nas rédeas de um projeto cultural pensado por Bismarck, o antigo espírito do povo germânico deveria ser substituído por um vigoroso espírito para um Estado recém-nascido. Para este propósito bastaria a *Kulturkampf* anticlerical de Bismarck? Ou que o espírito alemão imitasse a Europa industrialista, onde se corporificava a cultura da máquina? Uma crítica recorrente de Burckhardt, e que será verificada ao longo deste trabalho, diz respeito ao destino cultural dos indivíduos alemães.

Após a vitória da guerra contra a França, Bismarck incentivou no novo Estado Alemão um espírito de unidade nacional. Mais do que simples sentimento, esta unidade deveria ser respaldada pela criação de laços institucionalizados que promoveriam o nascimento de um povo que superasse as arcaicas diferenças políticas e culturais. Um exemplo de como tal esforço foi levado a cabo é a nomeada *Kulturkampf*, quando o chanceler assumiu que a autoridade e a influência clerical católica na Alemanha eram antagônicas aos interesses do Estado. Ao promulgar leis que regulavam as iniciativas católicas em solo alemão, Bismarck procurava retirar da Igreja Católica qualquer capacidade de ameaçar a soberania Alemã em todos os âmbitos. De certo modo, buscava maior secularização para a vida pública.¹¹ É estranho, no entanto, designar como *Kulturkampf* um movimento que tentava suprimir aspectos da vida cultural de parte do povo alemão. O que significaria empreender esforços pela *Kultur* de acordo com a mentalidade alemã naquele contexto? Como Burckhardt encarava tais iniciativas? Para refletir sobre a primeira dessas perguntas, recorre-se a Norbert Elias para que a sociogênese do termo *Kultur* seja discutida. Nas palavras do historiador, a “[...] palavra pela qual os alemães se interpretam, que mais do que qualquer outra expressa-lhes o orgulho em suas próprias realizações e no próprio ser, é *Kultur*. [Esta palavra alude] a fatos intelectuais,

¹¹ Cf. ROSE, J. *Otto Von Bismarck*. Chelsea House Pub, 1987. (col. World leaders past and present , vol. 35).

artísticos e religiosos [...]”.¹² Por seu turno, o adjetivo *Kulturell* não seria adequado para qualificar comportamentos pessoais. Antes, apontava para o produto de atividades intelectuais, artísticas ou religiosas do espírito germânico. A palavra mais utilizada para classificar o modo de uma pessoa se comportar de maneira mais cultivada, naquilo que mais se aproximaria da práxis civilizada para os europeus no século XIX, seria *kultiviert*. O conceito de *Kultur* era delimitador, uma vez que servia para distinguir o espírito do povo alemão dos demais povos, especialmente do francês. Logo, era etnocêntrico, além de ser exaltado como crucial na elaboração de uma identidade nacional para a nova nação alemã. De um lado, ajudava a responder sobre o que era verdadeiramente alemão e, do outro, o que o espírito genuinamente alemão poderia criar. A *Kultur* do II Reich não apenas esperava imprimir uma identidade ao povo alemão como, também, contrapunha o espírito de um novo tempo, isto é, mais moderno, intelectual, burguês e apto para o industrialismo à obsoleta mentalidade aristocrática ruralista que, até então, atrapalhava as iniciativas unificacionistas. Como descreve Elias, por toda parte, em círculos da classe média, sobretudo entre os jovens, eram identificados “[...] sonhos vagos de uma nova Alemanha unida, de uma vida natural [...] em contraste com a vida antinatural da sociedade de corte [...]. A estrutura da sociedade absolutista de pequenos Estados não proporcionava uma abertura a ela”.¹³ No lugar de uma aristocracia cortesã com suas tendências ruralistas, Bismarck abria espaço tanto para uma aristocracia militar quanto para uma burguesia nacional forte. Ao lado disso tudo, *Kultur* também significava uma rejeição ao intelectualismo importado e aos costumes cortesãos franceses. Não se pode deixar de notar que, sob o cetro de Bismarck e de seus companheiros nacionalistas, o ideal de *Kultur* assume um caráter político por excelência. Um dos sintomas da secularização da cotidianidade para as massas germânicas, isto é, da força política sobre quaisquer formas de ascetismo remanescentes da antiga Europa medieval, de um lado, e da reformada, de outro, deveria ser o alistamento dos indivíduos para o trabalho assalariado, o que seria a base do industrialismo europeu da segunda metade do século XIX e na Alemanha unificada. Era o momento fronteiro entre o ruralismo dos velhos Estados germânicos e a produção em larga escala para atender ao crescente comércio internacional. Para tanto, era imperioso o estabelecimento de um exército de indivíduos preparados para jornadas extenuantes de trabalho nas fábricas e, ao mesmo tempo, de um corpo de intelectuais tecnocratas para as inovações que o mercado exigia.

Roberto Rossi¹⁴ sustenta que o distanciamento da cotidianidade através de uma liberdade politicamente conservadora e aristocrática permitiria a Burckhardt contemplar com mais clareza a história. Assim havia feito com o otimismo hegeliano dos alemães, os

¹² ELIAS, N. *O processo civilizatório* I. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1990, p. 335.

¹³ ELIAS, *Ibidem*, 1990, p. 614.

¹⁴ ROSSI, R. *Op. cit.*, 1987.

positivistas de matrizes comteanas e, diga-se de passagem, as ondas proletárias. Ele era um mestre de seu tempo, de seu povo, apesar disso, distante desse, conservando sempre seu peculiar modo aristocrático. Mostrava repugnância pelo novo conhecimento, odiava os congressos, a academia e a vida pública. Roberta Garner¹⁵ indica que, aos olhos de Burckhardt, as tendências românticas oitocentistas, das quais o nacionalista Richard Wagner e seus companheiros faziam parte, eram características de uma sociedade que se fundamentava em ideais revolucionários. Em 1848, enquanto ocorria uma revolução liberal e imprimia-se o *Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, o historiador via naquelas ideias propostas de transformações sociais e, conseqüentemente, culturais, alheias ao seu aristocratismo e conservadorismo. Em seu conjunto, formavam um todo confuso, desembocando, em muitos casos, num nacionalismo exagerado, com suas frentes políticas em quase todos os rincões europeus. Correspondendo-se com Hermann Shauenburg, em 23 de agosto de 1848, Burckhardt declara que tudo estava desconjuntado e que sentia a desorganização da vida privada na Alemanha e uma Europa arruinada.¹⁶ De qualquer maneira, não se apresentava depressivo, mas enfrentava os males da Modernidade de cabeça erguida, pronto para fazer dela suas peculiares leituras críticas. Numa carta para Friedrich von Preen, do início de 1870, Burckhardt demonstrou sua apreensão quanto ao futuro cultural da Alemanha. Ponderava que os dois povos de grande espírito do continente europeu, os franceses e os alemães, estavam passando por uma completa mudança em sua cultura.¹⁷ O preocupante não seria a guerra travada, mas o novo espírito (*der neue Geist*) que viria a se configurar naquela época de guerras. Ao menos, esperava que fosse um momento decisivo para que Hegel se aposentasse definitivamente e que Schopenhauer, a quem chama várias vezes de o “Filósofo”, ganhasse maior credibilidade. Noutra carta, ao mesmo destinatário, do dia 26 de abril de 1872, reflete sobre as recentes conseqüências da vitória de Bismarck e de sua administração militarizada, que em pouco tempo empurraria os trabalhadores miseravelmente para as fábricas, dando lugar a um Estado industrialista.¹⁸ O desenvolvimento de uma soberania inteligente (*intelligenten Herrschergewalt*) e duradoura ainda estava em sua infância. É um fato a antipatia de Burckhardt por Bismarck, como se constata na correspondência a Preen, em 3 de julho de 1870:

Depois de as pessoas terem sido manipuladas por duas décadas e sempre instigadas a desejarem e a quererem algo, surge, de repente, um “voluntarioso” (Bismarck) de primeira classe em Sadowa; e, desde então,

¹⁵ GARNER, R. Jacob Burckhardt as a Theorist of Modernity: Reading The Civilization of the Renaissance in Italy. In. *Sociological Theory*, Vol. 8, No. 1 (Spring, 1990), p. 48-57.

¹⁶ BURCKHARDT, J. *Cartas*. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, p. 275-277.

¹⁷ BURCKHARDT, J. *Ibidem*, 2003, p. 214.

¹⁸ BURCKHARDT, J. *Ibidem*, 2003, p. 269.

exausta por todo o esforço anterior, elas caem a seus pés e passam a querer o que ele quer, e simplesmente agradecem a Deus porque há alguém para lhes apontar alguma direção.¹⁹

Indiferentemente de a *Kulturkampf* de Bismark ter encorajado os alemães a todas as formas de niilismo, apesar de uma posterior e bem-sucedida resistência do catolicismo, exerceu um efeito cultural completamente empobrecedor, pois a todos lançava num movimento geral mundial: a ascensão do mundo dos trabalhadores.²⁰ Cássio da Silva Fernandes destaca que Burckhardt era um homem cansado de seu tempo, não mantendo boa relação com qualquer coisa lembrasse a Modernidade.²¹ A partir de uma carta para Schauenburg, de fevereiro de 1846,²² pode-se ler uma lista de indivíduos dos quais o suíço queria se desvencilhar. Eram eles os radicais, comunistas, industriais, doutos, ambiciosos, reflexivos, abstratos, absolutos, filósofos, sofistas, fanáticos do Estado e idealistas. Para Fernandes, em contraste com as ondas modernizantes do norte da Europa, Burckhardt buscava em Roma um lugar de refúgio.²³ A cidade italiana, como nenhuma outra, era onde ainda perduravam as ruínas da Antiguidade. Em suas viagens para a “velha Europa”, tendo como fundo seus monumentos, ansiava por um recolhimento contemplativo. Não sabia como lidar com as transformações, em especial, políticas, pelas quais seu continente passava, guardando delas um pessimismo constante. A formação dos novos Estados nacionais europeus esfacelava as esferas tradicionais de poder e impunha laços sociais artificiais. Em seu forte conservadorismo rejeitava as sublevações camponesas e proletárias de seu tempo, além de seus resultados. Fazia questão de contrastar a cultura do norte e a do sul europeu, berço dos grandes indivíduos que, em sua ação concreta no mundo, construíram aquilo que viria a ser conhecido como o Renascimento italiano. Isso colaborou para a elaboração de um dos maiores legados de Burckhardt: a redescoberta do homem em sua singularidade na Renascença italiana. O que tornava a cultura do Renascimento forte era a emancipação dos indivíduos das grandes instituições estáveis. A soberania política dos principados italianos se apoiava sobre um solo recorrentemente movediço. As guerras e traições – algumas efetivadas entre parentes – ameaçavam o poder dos governantes e, conseqüentemente, a vida de seus súditos e pupilos, ao mesmo tempo em que geravam uma

¹⁹ BURCKHARDT, J. Ibidem, 2003, p. 285-286.

²⁰ Burckhardt opina o seguinte sobre modelos políticos autocráticos nos moldes da *Kulturkampf*: “[...] a Alemanha e a Suíça tentam tornar o catolicismo completamente submisso ao Estado, isto é, não só privá-lo dos direitos comuns como também torna-lo inócua para sempre” (BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*. Trad. Leo G. Ribeiro. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1961, p. 210-211).

²¹ FERNANDES, C. S. Jacob Burckhardt e a preparação para *A Cultura do Renascimento na Itália*. In. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 2006, Vol.3, Ano III, nº 3, p.1-18.

²² BURCKHARDT, J. Op. cit., 2003, p. 198-199.

²³ Cf. também, BURCKHARDT, J. Ibidem, 2003, p. 204. Carta a G. Kinkel, de 12 de setembro de 1846.

necessidade de aprimoramento bélico e artístico, tanto em âmbito individual, de um tipo de indivíduo soberano, quanto político. No entendimento de Burckhardt, teria havido, durante o Renascimento, um verdadeiro florescimento do indivíduo e, com este, o alvorecer de uma nova humanidade, preparando a Europa para o mundo moderno. Neste ponto vale mencionar que aqui não se deve confundir Modernidade com moderno.²⁴ O primeiro termo se refere à era marcada pelo industrialismo, pela agitação do trabalho e pela difusão de ideais políticos para as massas. O segundo aponta para a passagem da Idade Média para a Moderna como aquele momento no qual o homem está desejoso pelo novo – apesar de esta distinção de termos não ser tão clara nos textos do historiador. Na visão de Garner,²⁵ Burckhardt acreditava que a descoberta do ser humano, o despertar da personalidade e o desenvolvimento do indivíduo são as marcas por excelência do Renascimento como o primeiro momento da época moderna. Aquele período caminhou em direção a uma nova consciência do mundo, do ser humano, de seu impulso criativo e da cultura. A individualidade passou a preceder ao sentimento imperioso do grupo, do clã, da coletividade. Após a quase vigília medieval, na qual o homem somente se reconhecia diluído em uma raça, povo, casta, corporação ou família, foi na Itália em que, pela primeira vez, o homem tornou-se um indivíduo espiritual, reconhecendo-se como tal. O indivíduo conseguiu se alçar para além dos grilhões das autoridades religiosas, políticas e da tradição. Em conjunto, começou a trabalhar para a satisfação de seus interesses, muitas vezes, conflitando com as imposições morais majoritárias de sua sociedade. O esforço do indivíduo para uma distinção quanto aos demais, batalhando para o aprimoramento de própria personalidade, propiciou ao Renascimento cada um de seus gênios, bem como o culto a eles. Se havia alguma liberdade obtida na vida individual, essa não seria gratuita, pois o indivíduo sabia quão grande seria a obstinação imprescindível para preservar sua autonomia. Não era fácil lograr uma personalidade livre em meio a uma vida nem sempre confortável, com súbitas mudanças, assaz violentas, num mundo em que a opinião de alguém poderia lhe render as coisas mais temidas, dentre as quais a morte e o exílio. A vida sem riscos idealizada pela socialdemocracia da Modernidade – segundo Burckhardt, levada a cabo por Bismarck,²⁶ desempenharia uma tarefa simetricamente oposta: imolava e impedia a formação completa do indivíduo a partir de seus impulsos. Assim, o suíço preocupava-se com o destino cultural da Europa, notadamente, do espírito alemão, e seus impactos sobre seus indivíduos, como escreve para Preen, em 1870:

Assim como eu, você acha que tudo na velha Europa parece fora dos eixos

²⁴ Cf. KAHAN, A. S. *Aristocratic Liberalism: The social thought of Jacob Burckhardt, John Stuart Mill and Alexis de Tocqueville*. New York, Oxford University Press, 1992, p. 81-125.

²⁵ GARNER, R. Op. cit., p. 48-57.

²⁶ Cf. BURCKHARDT, Op. cit., 2003, p. 285.

este ano, e isso julgando a partir de um conhecimento inteiramente diferente dos assuntos do dia a dia. Realmente já não sei o que ganha a cultura alemã em fazer o indivíduo feliz em seu íntimo; todos esses pequenos centros culturais, onde o espírito alemão fica lado a lado com o filisteísmo alemão, estão sendo explodidos com *éclat*, e, no fim das contas, a principal consequência da centralização é a mediocridade espiritual, que se torna mais desagradável pela crescente opressão do “trabalho árduo”. O termo reduzido à sua expressão mais simples significa, grosso modo, em minha opinião, o seguinte: alguém que não tem, ou que não ganha dinheiro suficiente para fazer figura em uma grande cidade irá, gentilmente, deixar de existir. Se o espírito alemão ainda pode extrair, do âmago de seus verdadeiros poderes, uma reação contra a grande violência que lhe esta sendo perpetrada, ou se é capaz de se opor a essa violência com uma nova arte, poesia e religião, então estamos salvos, mas, se não, não estaremos. Eu digo: religião, porque sem uma vontade sobrenatural para contrabalançar o clamor do poder e do dinheiro, isso não pode ser feito.²⁷

Os custos da afirmação política alemã de Bismarck e seu capitalismo para a cultura poderiam ser altos e, por enquanto, incomensuráveis. Em contraste com o espírito autônomo do gênio do indivíduo soberano italiano, que havia se formado no solo instável da vida política, os alemães viam sua nação se formar a partir de uma forte instabilidade, mas que, ao buscar a estabilidade política através da institucionalização de setores da cultura, retirava de seus indivíduos a autonomia. A Renascença permitia a distinção, ao passo que a nova política cultural da Alemanha poderia suscitar o nivelamento e a passividade entre as pessoas. Em *Reflexões sobre a História*, Burckhardt explicita sua desaprovação aos projetos culturais voltados apenas para atender às demandas unificacionistas de certos governantes. Assim escreve: na “verdade há vários espertalhões desonestos, que afirmam que uma vez unificado completamente o Estado, eles poderiam prescrever-lhe um programa cultural ideal”.²⁸ Porém, o que permanece detrás dessa cultura ideal é uma conformação do indivíduo aos propósitos estatais porque, para ele, mais vale pertencer a um grande Estado do que possuir uma grande cultura. Para alguns, pertencer a um Estado pequeno, que possua pouca força comercial e pequeno poderio bélico diante dos demais, é vergonhoso. Quando muito, a cultura aparece apenas como mero adereço, no melhor dos casos um elemento de segunda ordem. O indivíduo civilizado do II Reich era débil e sem qualquer nobreza, indiferente às origens de seu povo. Neste ponto, concorda-se com o significado do termo “*Wolk*” explicitado por George Mosse.²⁹ “*Wolk*” denotaria um conjunto de indivíduos

²⁷ BURCKHARDT, *Ibidem*, 2003, p. 268.

²⁸ BURCKHARDT, J. *Op. cit.*, 1961, p. 100.

²⁹ MOSSE, G. *The crisis of german ideology*. New York, Grosset and Dunlap, 1998.

unidos por uma essência transcendente, um sentimento de comunidade que é, igualmente, fonte da criatividade de seus membros. No novo Estado os alemães se uniam por laços artificiais, ou seja, pela exaltação de valores políticos destoantes da natureza vigorosa e aristocrática de seus antepassados: eram meros cidadãos. Como expressa o professor de Basileia, o “Estado tornou-se meramente um triste exercício do poder, um pseudo-organismo existente *de per se*”.³⁰ Portanto, além de não haver, durante os anos 1870 e 1880, uma cultura de identidade nacional inequívoca, não havia um ser alemão encarnado, unívoco e coerente. Existiam somente algumas manifestações isoladas sobre as quais se conseguiria construir a ideia de identidade nacional. A falta de unidade cultural alemã naquele período foi muito bem descrita por um dos colegas de Burckhardt na Universidade de Basileia, Friedrich Nietzsche, como aponta Chiara Piazzesi³¹ e se comprova em sua *Primeira Consideração Extemporanea*. Vale dizer que, tanto no contexto de Burckhardt quanto de Nietzsche, unidade não significa uniformidade.

Para Burckhardt, se o Renascimento italiano foi um momento em que a instabilidade política, de competição entre as cidades, do entusiasmo pelo novo e do secularismo, o que permitiu o surgimento de indivíduos soberanos e do *uomo universale*, a subserviência das instituições aos Estados industrialistas propiciava apenas a formação de eruditos e de operários para as fábricas, que buscavam, sobretudo, a organização, o progresso, a estabilidade e o bem-estar. O grande indivíduo, indispensável para a cultura, estava ameaçado. Johan Huizinga³² explica a figura do *uomo universale*, isto é, do grande gênio do Renascimento, como aquele indivíduo de personalidade livre, que pairava sobre doutrinas e moralidades, sendo, também, arrogante, frívolo e dado ao prazer. Embora fosse curioso por tudo que o cercava, orientava-se por suas próprias regras, não pelas normas de uma autoridade, como aquelas que determinavam as atividades intelectuais no período medieval. Em suma, guardava uma paixão pagã pela beleza. Estas forças estavam diminuídas na cultura europeia do final do século XIX. Abaixo segue a reflexão de Burckhardt sobre *l'uomo universale*:

Quando, pois, um tal impulso para o mais elevado desenvolvimento da personalidade combinou-se com uma natureza realmente poderosa e multifacetada, capaz de dominar ao mesmo tempo os elementos da cultura de então, o resultado foi o surgimento do “homem universal” – *l'uomo*

³⁰ BURCKHARDT, J. Op., cit. 1961, p. 98

³¹ PIAZZESI, C. *Nietzsche: Fisiologia dell'arte e décadence*. Lecce: Conte Editore, 2003.

³² HUIZINGA, J. The problem of Renaissance. In. *Men and ideas: Essays on History, the Middles Ages, the Renaissance*. Trad. J. Holmes e H. Marle. New York, Harper Torchbooks, 1970.

universale – que à Itália e somente a ela pertence.³³

Na esfera pessoal, a educação do indivíduo plenamente desenvolvido aparece no texto de Burckhardt como *Bildung*, isto é, o árduo processo para que alguém seja capaz de construir e dar forma a si mesmo. Já na esfera cultural, um indivíduo que reúne em si o máximo em potência histórica de seu tempo é capaz de expressar no produto de seu trabalho uma gama indescritível de propriedades de sua cultura. Mais do isso, transforma-se num elo necessário, um momento ímpar de sua cultura.³⁴ Logo, a dominação de todos os elementos da cultura não é análoga a um caráter meramente erudito no *uomo universale*. O gênio renascentista não era o indivíduo que possuía muita informação, mas aquele utilizava o que aprendeu ou assimilou com o intuito de aplicar em uma criação. Acreditava que quanto maior fosse o leque de sua investigação, de seu aprimoramento técnico, do domínio de seu corpo, do trato com a matéria inorgânica e orgânica ao seu redor, maior seria sua capacidade criativa e a relevância de seu juízo sobre todos os temas, transformando-se em fonte de inspiração. Noutros termos, quanto mais rigorosa é a formação a que se impõe, maior será a tarefa para a qual se destinará. O Renascimento contou com aquele tipo de homens que Burckhardt chamou de plenamente desenvolvidos.

Homens de saber enciclopédico existiram ao longo de toda Idade Média em diversos países, uma vez que esse saber configurava então um todo reunido e delimitado; da mesma forma, encontramos artistas universais até o século XII, quando os problemas da arquitetura eram relativamente simples e uniforme, e no campo da escultura e da pintura, o objeto a ser representado prevalecia sobre a forma. Na Itália do Renascimento, pelo contrário, encontramos concomitantemente em todas as áreas artistas a criar o puramente novo e, em seu gênero, perfeito, impressionando-nos ainda grandemente como seres humanos. Outros são também universais fora dos limites de sua arte, na colossal amplidão do domínio espiritual.³⁵

Diferentemente do europeu culto de seu tempo, que buscava o saber indiscriminadamente, mas insistia em sua passividade cultural, o grande indivíduo do Renascimento bebia do passado para se tornar uma peça indispensável para a sua cultura. Todavia, mesmo sendo influenciado e tocado numa união fecunda pelo poderoso humanismo dos antigos gregos e romanos, pois o “Renascimento não se teria configurado na elevada e universal necessidade histórica que foi se pudesse abstrair tão facilmente dessa

³³ BURCKHARDT, J. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p.150.

³⁴ Cf. BURCKHARDT, J. Op. cit., 1961, capítulo V.

³⁵ BURCKHARDT, Ibidem, 2009, p. 150.

Antiguidade”,³⁶ o gênio renascentista trabalhou para o nascimento de um profícuo e original espírito italiano. Tanto os eruditos, sobretudo, os que subjugavam o saber científico à tecnocracia industrial, quanto os operários almejados pelos líderes da nova Alemanha pareciam dispensáveis para a cultura. Noutros termos, por esta não logravam qualquer coisa grandiosa. A burguesia foi responsável pela aurora de uma nova cultura com o florescimento das cidades a partir do século XII, processo que ela dirigiria até seu ápice na atmosfera renascentista italiana. Porém, havia uma camada de trabalhadores que atendia ao sistema de corporações na qual a cultura encontrava terríveis limitações.³⁷ O aprendizado e a prática do trabalho manufatureiro exigiam do indivíduo exaustiva repetição. O sistema de corporações deixava seus trabalhadores alheios ao dinamismo de uma cultura que se configurava como um empreendimento de espíritos que poderiam se dar o luxo de propor e experimentar novidades. Os burgueses nas cidades nascentes investiam em arte e conhecimento, permitindo que artistas e pensadores obtivessem subsídios para suas inovações. Em contraste, a burguesia industrialista do século XIX somente pensava em como aumentar suas riquezas, ainda que, para isso, tivesse que esmagar quaisquer iniciativas em prol da cultura. Apoiava a posse das instituições de ensino pelo Estado para que formassem trabalhadores para suas fábricas. Esses últimos seguiam o exemplo de seus ancestrais nas corporações de ofício. Como repetidores incansáveis, estavam privados das rédeas de suas vidas e da cultura. São chamados por Burckhardt de massa, uma espécie de exército inculto, que não entende e, por este motivo, não acessa a nenhum dos grandes produtos da cultura. Tratando-se da arte, por exemplo, a única da qual poderia usufruir seria aquela feita para o descanso e nunca para o enlevo espiritual. Como se vê, a insatisfação de Burckhardt em relação aos alemães seu tempo tinha como alvo tanto os cultos quanto os incultos, *grosso modo*, respectivamente, os eruditos das universidades e os operários, uma vez que os dois grupos tornavam-se cada vez menos criativos e vigorosos. Outro relance do conservadorismo de Burckhardt é sua aversão aos possíveis movimentos das massas formadas nas fileiras da produção industrial. Aliás, ele tinha forte preocupação com uma verdadeira revolução, isto é, aquela que culminaria com a inversão das castas sociais no poder, o que explica parte da sua crítica aos comunistas oitocentistas, inscrita numa carta de 5 de maio de 1846 a H. Schauenburg.

Aqueles que agora pulam à frente das cortinas, os poetas e pintores comunistas e seus similares são meros *Bajazzi*, que apenas preparam o público. Nenhum de vocês sabe ainda o que o povo é, e quão facilmente ele se transformará em uma horda de bárbaros. Você não sabe que tirania será exercida sobre o espírito, sob o pretexto de que a cultura é a aliada secreta do

³⁶ BURCKHARDT, *Ibidem*, 2009, p. 177.

³⁷ Cf. BURCKHARDT, *Ibidem*, 2009, p. 95.

capital que deve ser destruído. Aqueles que esperam dirigir o movimento com a ajuda de sua filosofia, e mantê-los nos trilhos parecem-me completos idiotas. Eles são os *feuillants* do movimento que está por vir, e, assim como a Revolução Francesa, o movimento irá desenvolver-se como fenômeno natural, envolvendo tudo o que é abominável na natureza humana. Eu não quero experimentar esses tempos, a menos que seja obrigado a fazê-lo; pois quero ajudar a salvar as coisas, tanto quanto minha humilde posição me permitir. [...] Nosso destino é ajudar a construir mais uma vez quando a crise tiver passado.³⁸

Nas palavras “o que há de abominável na natureza humana”, Burckhardt indica implicitamente o contrassenso que jaz nos ideais comunistas. Se o proletariado permanecia submisso, isso se dava em razão do adestramento a que era submetido. Porém, como era próprio da natureza humana, invariável em toda história, ao se colocar o poder nas mãos de alguém ou de um grupo, todo altruísmo apregoado cairia por terra, trazendo à tona o orgulho e o egoísmo. Durante o processo de crise, diante das resistências materiais das castas dominantes, a massa se veria ligada por laços de solidariedade e esperança, pelos quais, para o suíço, até pessimistas se tornam otimistas. Esta ilusão desapareceria após as celebrações festivas que precedem os futuros dias de labor rude e intenso. Logo após a eliminação dos velhos elementos opressores, os que de fato iniciaram a crise são postos de lado, substituídos por outros e novas formas de opressão surgem. O pessimismo de Burckhardt quanto ao papel das crises (revolucionárias) para a instauração da paz e do progresso duradouros se faz notar em sua crença de que é ingênuo esperar que tal condição, nunca alcançada, por mais violentas e aparentemente transformadoras que tenham sido determinadas sublevações, possa ser estabelecida no presente.³⁹ Assim, tanto “os indivíduos como a massa atribuem tudo que lhes causa desconforto às condições predominantes no passado mais recente, sem jamais reconhecer que, na maioria dos casos, trata-se de falhas determinadas pela própria imperfeição inerente ao ser humano”.⁴⁰ O agravante das insurreições populares estaria numa suposta ameaça da restauração das mais diversas formas de barbarismo. Logo, há um risco para a cultura. Embora a maneira de Burckhardt pensar a história fosse totalmente distinta, por exemplo, do Marxismo de seu século, pois não se adequava a um método nos moldes do materialismo histórico, não estaria descartada a possibilidade de uma revolução das massas urbanas de seu tempo. Porém, o comunismo seria inviável, pois, segundo a perspectiva de Burckhardt, o ser humano é um ser movido

³⁸ BURCKHARDT, Op. cit., 2003, p. 200.

³⁹ Cf. SIGURDSON, R. F. *Jacob Burckhardt's social and political thought*. Toronto: University of Toronto Press, 2004

⁴⁰ BURCKHARDT, Op. cit., 1961, p. 176.

por seus impulsos com sede de poder. Sua natureza é imutável enquanto a história é o palco das transformações. Vale dizer, ainda, que mergulhadas nos processos de crise, as massas permanecem alienadas aos interesses de seus dirigentes:

As massas, cuja irritabilidade só é grande no princípio das crises, tornam-se indiferentes ao movimento e dele se afastam. É possível que já tenham salvaguardado o que puderam pilhar em meio à confusão, ou talvez só participaram moderadamente da crise, contradizendo as afirmações daqueles que supunham uma participação incondicional e fanática das massas nas crises; na verdade, as massas, como sucedeu com os camponeses, nunca foram interrogadas quanto à sua opinião sobre a crise. [...] Uma vez desencadeada a onda de violência, despertam-se muitas forças adormecidas, as quais, erguendo-se em meio ao tumulto, reclamam seu quinhão na pilhagem geral, absorvendo totalmente o movimento renovador, sem importar-se absolutamente com o conteúdo ideal. [...] Ao serem mandados para o cadafalso de preferência os indivíduos, que representam um ponto culminante e extremo da crise, foram liquidados. [...] Os sobreviventes, ou seja, os instigadores da crise não sacrificados por ela, sofrem uma profunda metamorfose interna: - agora eles querem em parte desfrutar dos benefícios da vida e em parte querem salvar a própria pele. [...] É incrível o desalento que se apodera de todos, a desilusão que sucede às crises, independentemente da miséria que continua a campear.⁴¹

Como se nota, não havia uma saída simples para a situação dos indivíduos na jovem configuração espiritual industrialista europeia oitocentista. Numa parte estão aqueles que foram lançados nas guerras nacionalistas, como os alemães, que se equivocavam quanto aos seus genuínos objetivos, pois pensavam que lutavam por patriotismo, ao passo que serviam para os fins políticos e econômicos de uma classe social que demarcava cada vez mais o seu poder na esteira de um Estado centralizador e suas figuras militares proeminentes. Muitos dos que sobreviveram aos frentes de batalha (ou seus descendentes), posteriormente, eram lançados nas fábricas. Noutra ficavam os utópicos, que acreditavam que este recém-formado exército de incultos e culturalmente caudatários poderia superar, por si mesmo, a sua condição miserável e criar uma sociedade totalmente benéfica a seus indivíduos.

Para Albert Coll, o pensamento de Burckhardt se chocava contra as grandes instituições de todas as espécies, uma vez que não traziam o enobrecimento que apregoavam, mas eram hostis à liberdade humana e tinham como efeito a desumanização. Quando uma instituição se tornava suficientemente poderosa, fosse ela o Estado com seus

⁴¹ Ibidem, p. 185-186.

departamentos ou algum agrupamento religioso, cedo ou tarde cairia na tentação da uniformidade e da conformidade. Em contraste, o historiador amava pequenas cidades, pequenas repúblicas e pequenas associações privadas onde havia espaço para o pluralismo, liberdade e diversidade. O Estado industrialista era alvo recorrente de suas críticas em função da devastação que a industrialização, a moderna tecnologia e o progresso econômico infligiam à ordem estabelecida, o que era nefasto tanto para a vida das pessoas, sendo a antítese do modo de vida humano, quanto para a natureza, que era espoliada. Os custos da industrialização eram o barateamento da cultura, a entronização da mediocridade em todos os níveis da vida pública, a ascensão dos demagogos “que conduziram as ondas de política de massa e a cultura para instalar uma tirania armada com todos os instrumentos fornecidos pelo capitalismo industrial de larga escala, pela ciência e pela tecnologia”.⁴² Num precioso comentário de Ernani Chaves, que distingue unidade de uniformidade, de modo que o indivíduo não seja reduzido a uma peça passiva no jogo da cultura, percebe-se a ideia de remodelação (*umgestalten*), de modificação, como sendo uma ação que transforma e institui em meio à heterogeneidade do universal uma unidade. Isso corrobora com o que se disse aqui, a saber, de que unidade cultural para Burckhardt não é o mesmo que uniformidade, mas organização no interior da heterogeneidade. Chaves continua dizendo que se “os exemplos privilegiados de Burckhardt são os artistas e poetas, os filósofos e destacados pesquisadores, podemos dizer que esta ideia de remodelação implica, em última instância, na de criação”.⁴³ Uma enorme força intelectual ou moral desses grandes indivíduos resultaria e se expressaria na atividade criadora, que o comentador ressalta como sendo o ponto máximo da unidade estabelecida entre o universal e o indivíduo. Retira-se disso que, numa sociedade em que o Estado enquanto potência histórica cresce desequilibradamente, a noção de grandeza pode ser deslocada dos grandes mestres e criadores da cultura para aqueles que detêm o poder ou que tenham realizado feitos que poderiam até ser realizados por outros, mas não se encaixam no tipo de indivíduos soberanos. Para as demais pessoas restaria uma passividade diante da cultura e da história.⁴⁴

Burckhardt conservou seu desafeto por Bismarck, arquétipo dos demagogos contemporâneos, até idade avançada. Em 25 de setembro de 1890, escrevendo para Preen, diz: “Aprovo inteiramente seu apoio ao memorial de Bismarck, por mais detestável que eu sempre tivesse considerado esse indivíduo, e a despeito do mal que suas ações causaram a nós [...], seu *Kulturkampf* [...] teve o efeito de encorajar todas as formas de niilismo e

⁴² COLL, A. Introdução à edição do Liberty Fund. In: BURCKHARDT, J. *Cartas*. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, p. 39.

⁴³ CHAVES, E. Cultura e política: O jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt. In: *Cadernos Nietzsche*, USP, São Paulo, n. 9, 2000, p. 47.

⁴⁴ Cf. Também, KAEGI, Werner. Avant-propos. In: BURCKHARDT, Jacob. *Considérations sur l'Histoire Universelle*. Paris: Payot, 1965.

desagregação”. O Chanceler de Ferro havia sido necessário para que a Alemanha tivesse chegado ao posto político e industrial em que se encontrava no final daquele século, who embora tal situação significasse um mal para a cultura não apenas naquela nação como, também, noutras, como a Suíça.

Considerações finais

As ondas industrialistas que varreram a Europa a partir do século XVIII e conduziram processos históricos, como a guerra Franco-Prussiana e a subsequente criação do Estado alemão, significaram para Burckhardt um momento de *décadence* da cultura e uma ameaça para o florescimento de indivíduos soberanos. Como regra surgiram os indivíduos adestrados, formados para o trabalho assalariado e fabril, enquanto a ciência perdia sua autonomia e se rendia aos interesses da indústria. No lugar de elogios, os líderes desses processos, como Bismarck, foram alvo de contundentes críticas do historiador suíço. Qualquer tentativa de mudar tal situação a partir da criação de outros laços artificiais, como seriam as propostas comunistas, deveriam ser rechaçadas. As críticas de Burckhardt devem ser vistas como uma alternativa para reflexões a respeito do industrialismo contemporâneo, que ainda dirige a formação de grande parte dos indivíduos, que servem como ferramenta para o sistema capitalista de produção em larga escala. Mesmo a academia tem sido utilizada como ambiente para a educação de profissionais da indústria, que serão seus operários, técnicos ou gestores. Alguns governos, ocidentais e orientais, têm clamado pelo fim da educação humanística para que se tenha mais tempo e recursos financeiros para a formação profissional. Não deixando de fazer menção aos indivíduos que se destacam na inovação de tecnologias, uma grande massa permanece alheia à cultura, como se não se sentisse responsável por oferecer algo para ela. Como já foi denunciado por filósofos como Adorno e Horkheimer, a arte baixa se rendeu à indústria cultural e a grande arte é cada vez menos acessada. Cabe perguntar quantos do nosso tempo se preocupam com seus possíveis legados. O industrialismo tomou conta da maior parte da vida social, desde os processos produtivos, passando pelo formativo, de consumo, sem deixar de mencionar a força que tem nas tomadas de decisões políticas e na proposição de novos conflitos entre nações ou civis. Outro aspecto a se ressaltar das críticas de Burckhardt é sua descrença nos movimentos revolucionários como solução para as querelas sociais, apontando que seu impacto sobre a cultura pode ser mais negativo que os efeitos políticos e econômicos esperados. O século XX ficou marcado por muitas iniciativas para grandes transformações, como as políticas fascistas, neoliberais e socialistas. Aquelas que se institucionalizaram podem ser passíveis do pensamento de Burckhardt sobre a acomodação, uniformização e atentado contra a autonomia de seus indivíduos. Como dito, este é um viés possível para reflexões e deve ser

confrontado com outros, dentre os quais os menos conservadores. De qualquer forma, uma valiosa lição deixada por Burckhardt é a de que ele não se contentou em ser um contemplador passivo dos fatos da história, um mero erudito, mas foi capaz de realizar preciosas reflexões que o ajudaram a se posicionar diante do mundo em que viveu.

Referências bibliográficas

BURCKHARDT, J. *Reflexões sobre a História*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1961.

_____. *Cartas*. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003.

_____. *A Cultura do Renascimento na Itália*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009

CARPEAUX, Otto Maria. “Jacob Burckhardt: o profeta de nossa época”. In _____. *A Cinza do Purgatório*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.

CHAVES, E. Cultura e política: O jovem Nietzsche e Jakob Burckhardt. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, USP, n. 9, 2000, p. 41-66,

COLL, A. Introdução à edição do Liberty Fund. In. BURCKHARDT, J. *Cartas*. Trad. Renato Rezende. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, p. 35-43.

ELIAS, N. *O processo civilizatório I*. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1990.

FERNANDES, C. S. Jacob Burckhardt e a preparação para *A Cultura do Renascimento na Itália*. In. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, 2006, Vol.3, Ano III, nº 3

_____. Jacob Burckhardt. História da Era da Revolução: introdução. In: MALERBA, Jurandir. (Org.). *Lições de História: Da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Rio de Janeiro; Porto Alegre: Editora FGV; Editora PUC-RS, 2013.

GARNER, R. Jacob Burckhardt as a Theorist of Modernity: Reading The Civilization of the Renaissance in Italy. In. *Sociological Theory*, Vol. 8, No. 1 (Spring, 1990).

GAY, Peter. “Burckhardt, o poeta da verdade”. In: *O estilo na História*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 131-166.

HUIZINGA, J. The problem of Renaissance. In. *Men and ideas: Essays on History, the Middle Ages, the Renaissance*. Trad. J. Holmes e H. Marle. New York, Harper Torchbooks, 1970.

KAEGI, Werner. Avant-propos. In. BURCKHARDT, Jacob. *Considérations sur l’Histoire*

Universelle. Paris: Payot, 1965.

KAHAN, A. S. *Aristocratic Liberalism: The social thought of Jacob Burckhardt, John Stuart Mill and Alexis de Tocqueville*. New York, Oxford University Press, 1992.

MOSSE, G. *The crisis of german ideology*. New York, Grosset and Dunlap, 1998.

OLIVEIRA, J. P. *O futuro aberto: Jacob Burckhardt, G. W. F. Hegel e o problema da continuidade histórica*. Tese de Doutorado. Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

PIAZZESI, C. *Nietzsche: Fisiologia dell'arte e décadence*. Lecce: Conte Editore, 2003.

ROSE, J. *Otto Von Bismarck*. Chelsea House Pub, 1987. (col. World leaders past and present , vol. 35)

ROSSI, R. *Nietzsche e Burckhardt*. Genova: Tilgher, 1987.

SIGURDSON, R. F. *Jacob Burckhardt's social and political thought*. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

VERMEERSCH, P. Jacob Burckhardt e suas reflexões sobre a história. In. *História Social*. Revista do IFCH/Unicamp. Campinas, Unicamp, nº 10, 2003, p. 215-238.